

lheo: assim somos obrigados a não dissimular o delicto alheio pello não fazer peccado proprio; & ninguem nos deve arguir, antes louvar, acodirmos a nossa consciencia, & às que estão a nosso cargo: se os homens consideraraõ bem estas razoës, não foraõ necessarias estas advertencias; a quem hão de pedir razaõ da administração, não pôde deixar de a tomar, para dar de si boa conta.

Não ignoramos, que he impossivel agradar a todos, mas procuraremos que não seja culpa nossa o seu desagrado; não desagradaaremos a Deos, sò para agradar alguẽ; nem por desagradaarmos alguem, desagradaaremos a Deos; como ha
de

de ser possiuel que hum agrade a tantos? já disse, que era axioma pessimo querer o agrado vniuersal; porque tendo impossivel que os homens viuessem sem crimes, era bom, & mau, quem se agradaua de maos, & bons, louuando a bondade, & cótemporizando com a malicia: por isso S. Paulo tirou aquella notauel consequencia, de que não seria seruo de Christo, se fosse grato aos homens; he necessario ser grato às virtudes, & não ser grato aos peccados, sem se reparar nas queixas, & nas calumnias; porque assim como para Deos são glorias, não só os lououres dos Anjos, mas as queixas dos condemnados: para os Prelados são iguaes

elogios as beneuolencias dos innocentes, & as queixas dos criminosos.

Da mesma sorte que hauemos de aduirtir aos nossos diocesanos, lhe pedimos, que nos aduirtão a nós com aquella charidade, & decencia que se deue interpor entre hús, & outros: assim nos oução os filios, como hauemos de ouuir os balidos, o q̄ ferà para utilidade de todos; porque se refunde no bem das ouelhas tudo, o que he para melhoramento do pastor: melhor verão muitos o que conuem a hum, que hum o que conuem a muitos; que para que os outros leião bons, he necessario ser bom: assim porque deseamos acertar, não reparamos

paramos em que nos hajão de aduertir ; antes pedimos as aduertencias, porque desejamos os acertos: Christo Senhor nosso , de quem não hauiã que dizer , quiz saber o que dizião d'elle; nós para que não digão de nós, queremos saber o que de nós dizem , para que saibamos o que hauemos de fazer : queremos saber de todos , o que he razão que façamos ; por euitar os erros proprios, recorremos aos côselhos alheos.

Necessario he porém , que as aduertencias que se nos fizerem a respeito de terceiras pessoas, seião nascidas do zello, & não do odio ; porque muitas vezes he sò odio o que se reputa zelo ; parecenos mal

feito o que se faz, não porque seja mal feito, mas porque o odio põe nos acertos os visos dos erros: os Phariseos, porque tinhaõ odio a Christo Senhor nosso, obrando elle summamente bem, diziaõ que elle fazia mal: as materias moraes todas tem diferentes pareceres, & sempre ha algum, a que se imputa o crime; os que não amaõ as pessoas, logo interpretaõ as acções por criminosas, ainda que sejaõ louuaueis, sendo que se haõ de tomar pella parte que tem de louuaueis, & não pella que parecem criminosas; porque ainda que a natureza humana seja mais propensa à calumnia que ao louuor, a charidade Christãa sempre ha de julgar

as acçoões do proximo pella parte do aplauso, não pella da censura.

Se algũa pessoa não tiuer confiança para nos aduertir, pódeo fazer ao nosso Confessor, porque elle tem ordem para receber as aduertencias, & para no las manifestar; & pòde cada hum entender, que se se não obrar o que se aduertir, he porque ha razoões para se não fazer: ração parecia arrancar a sizania, para que não comesse o trigo, & foi necessario por não arrancar o trigo conseruar a sizania; nem tudo o que se zela he conueniente que se faça; porque alé de que se ignoraõ as intimas razoões das cousas, não se segue que quem he zeloso, he prudẽte; & he mui

importante a prudencia, para execução do zelo, sem aquella, he este prejudicial: muitas cousas arruinou elle, que ella conseruara; a tolerancia tambem he direcção: já se disse, que se Ioue todas as vezes que peccassem os homens, os castigasse, não teria rayos: até Deos dissimula com os nossos grandes delitos, segundo julgo a sua alta prouidencia; quem não estiuera no inferno, se Deos castigasse logo a culpa? considere cada hum quanto tempo ha que Deos lhe espera pella emenda, & quantas vezes lha tem prometido, & faltado com a penitencia, & em si saberà se à culpa humana succede logo o diuino castigo; tarda com o castigo, por-
que

que espera pella emenda, mas também tudo o que dilata na esperança, acrescenta na gravidade : cada qual que zela, ha de querer que se obre o que se arbitra, & como se não seguir o seu arbitrio, logo ha de dizer que foi respeito; sendo sé duuida, que na mesma materia haõ de ser diuersos os arbitrios dos zelosos; se seguirmos o de hum, ha uemos de desagradar aos mais; se seguirmos o nosso, ha uemos de desagradar a todos : assim que nesta materia he impossivel a plausibilidade: o que preuenimos, não para prometer a indulgencia, & facilitar a culpa, mas para satisfazer em algũa maneira a calúnia, de q̃ logo appellamos para á boa tenção; & se os
que

que governaõ com ella poderaõ
dar razaõ de tudo o que fazem,
muitas cousas que se estranhão
como escandalos, se houueraõ
de louuar com aplausos, mas
como se não pôde publicar tu-
do, ficando as razoões ocultas, ficaõ
às vezes as opinioões escurecidas:
tanto he obrigado a sofrer quem
tomou o encargo de governar.
Estes são os dias ardentes, & as ge-
ladas noutes q̄ padecé os pastores,
& do governo este he o maior en-
cargos; porq̄ offende a fama, que he
melhor que toda a riqueza, & se
procura com todo o trabalho; nõs
que nos sogeitamos a este, offere-
cemos a Deos as imposturas, lem-
brandonos que ellas o puzeraõ a
elle

elle na Cruz, & que sendo a mesma innocencia, expirou no afrontoso patibulo da culpa.

Tambem suppomos, que se nos não ha de mandar cousa algũa; porque o não podemos aceitar: como a nossa obrigação he distribuir, não receber, fomos obrigados a fazer a nossa obrigação; & não pôde ser obsequio para nós, o que he peruerter o nosso instituto; ainda que o animo de quem dà não se ja sobornar o animo de quem recebe, com tudo a todos està melhor esta nossa izenção, porque evita o alheo dispêdio, & nos deixa com menos hum perigo: alem de que quem hauendo de dar recebe, ainda que dê, tanto que re-
cebe,

cebe, logo parece que não dà; porque do que dà a huys se paga no que recebe dos outros: & inda que dé mais do que recebe, não basta ser mais a despeza que a receita, para que as contas sejaõ ajustadas: em hauẽdo receber nesta materia, logo não ha ajustar. Isto mesmo que aduertimos a respeito de nossa pessoa, dizemos a respeito das nossas conjunctas, & das da nossa familia; porque em todos milita a mesma razão, a nenhum criado nosso se dé cousa algũa por dadiua, ou por emprestimo, porque os emprestimos tambem são dadiuas, ou pella tardança da paga, ou pella falta da restituicão: pedir, & não pagar, he roubar; porque o empre-

stimo

stimo faz o mesmo dano que o roubo debaixo de melhor nome; & pois não haemos de mandar pedir cousa algũa, assim o mandamos declarar, para que ella se não dé, fazendo presente aos nossos diocesanos, que os sobornos para nós, não serão os bons officios, né as intercessões, mas boas partes, & os justos merecimentos: ninguem tem que interceder pellas virtudes, porque ellas serão para nós as maiores inculcas: com as fauorecermos, intentamos mostrar que as amamos.

Assim como aduertimos, que se nos não mande, nem a nossa familia cousa algũa, a temos aduertida, que a não receba, nem peça,

ção, & se algũa pessoa della fizer a qualquer outra extorção, injuria, ou offensa, ainda que seja verbal, pedimos que se nos faça presente, para que ao offendido, & offensor se imponha o castigo, & dé a satisfação que pedir a justiça; porque não he nossa tenção que nosos criados, & familiares, né por obra, nem por palaura molestem, nem injuriem nosos subditos, antes quanto em si for, se lhe fação gratos, & beneuolos; porque como indices nosos manifestem a todos a gratidão, & beneuolencia, com que os deseamos tratar.

Porque nas visitas, que com o fauor de Deos hauemos de fazer, hauerà maiores occasioes para se
nos

nos fazerem offercimentos, ahi
aduertimos com maior efficacia,
que se nos não fação, pois nellas
ha maiores razões para os não re-
cebermos: não he justo que gra-
uemos os que deuemos aliuiar; a-
brir a mão para receber as dadiuas,
he grauar os subditos em liberaes
tributos; & ningüem deixa de dar
quando sabe que se ha de receber:
com o que a conhecida aceitação
da dadiua vê a ser certo grauamé
da pobreza: & o nosso desejo, &
obrigação, he apascentar as oue-
lhas sem as tolquiar, nem comer
os pastos dos Pastores; para que as-
sim seja, não leuaremos às visitas
senaõ as pessoas que precisamente
forem inexcusaveis: não he decoro
do

do pastor, o que he extorção do rebanho: húa grande pompa em hum lugar pequeno não se póde admitir sem offensa, & desconcomodo de todo o lugar, a vaidade não authoriza os Prelados, antes os desauthoriza: tão vâas as ostentações nos que não haõ de viuer de apparencias; visitar com grande sequito, mais he destruir que visitar: & assim nestas occasiões nos seruiremos do preciso sem que vexemos com o superfluo, que alem de ser em si mesmo escandaloso, he para os proximos mui nociuo, & esperamos em Deos, que nas visitas que fizermos, não hauemos de destruir os pastos, & que haõ de ser mais para visitar os pastores, & os reba-

rebanhos, vendoos, que para visitar delles inquirindoos.

Como o inimigo cômum das almas as procura deuorar por todas as vias, & já succedesse, que para as visitas guardassem muitos satisfazerem os seus odios, amoeftamos a todos os fieis, que o sejaõ nas delações, & que nellas procurem o bem do proximo na sua correcção, & não o seu dano no seu castigo: lá houue quem disse, que se não houuera odio, não houuera zelo: & a verdade he, que não ha zelo em hauendo odio; quem se vinga, não zela, satisfaz a sua paixáo, & não trata do amor de Deos, porque a maleuolencia não conuem com a charidade: de duas maneiras pô-

dem ser infieis as denunciações, ou não se fazendo por seruiço de Deos, sendo verdadeiras, ou não sendo verdadeiras, & então são mais contra o seruiço do mesmo Senhor: se a verdade se diz que he máy do odio, porque se odia, qué a diz, nos Catholicos não deue nacer do odio a verdade, mas de si mesma; tendo a mentira filha da desafeição, nem hũa, nem outra deue de hauer nos animos dos fieis, que se haõ de amar cõ mutua charidade como irmaõs, filhos da Igreja, & coherdeiros com Christo da Bemaventurança: que castigo espera da sua culpa, quem impoem a culpa à innocencia: ajuntar testemunhas para acuzar o innocente,

naõ

não he ser Catholico, he ser Phariséo; & regularmente a prouidencia de Deos troca a impostura em maior gloria da innocencia: castiga o calumniador, & salua o innocente: os velhos de Susana, que forão impostura da sua pudicia, forão tambem sacrificios da sua castidade; o suplicio que lhe procurauão, foi o patibulo em que morrerão; cahirão na coua que fabricarão; & não he o maior dano cair na coua, o maior he cair na culpa.

Na mesma forma que ha delatores odiosos aos culpados, & falsos aos innocentes, ha tambem Iuizes criminosos, & odiosos para os Iuizes; grande juizo, superior re-

ctidão necessita ter quem houuer

de ser juiz do juiz, & julgar a justiça, mais que jurisprudencia ha mister quem houuer de sentenciar jurisprudencia; & ordinariamente a julga, ou húa condição de faveição da, ou hum antojo leue: raros tem sido os premios, ou castigos, que não fossem problemas do aplauso, & da calumnia, tendo mais sequezas a calumnia, que o aplauso: porque a condição humana he mais propensa a detrair, que a louuar: inda se não fez acto algum que se não attribuisse a ser obrado com segunda intenção: não se castigou, nem premiou pessoa que fosse por culpa ou merecimento, mas por odio, ou por amor: como que na opinião dos que seguem esta, pella teima

mã de quem a deuem ter boa, nem ha luizes justos, nem benemeritos, nem delinquentes : porque se todos os premios os distribue o amor, se todos os castigos os fulmina o odio, injustos são os que fulminão os castigos, & distribuem os premios: & pois não he possivel ser assim, porque ha culpas, & merecimentos, amonestando que não haja delatores odiosos, amonestamos, que não haja odiosos censores: ninguém julgue o procedimento alheio pello arbitrio proprio, principalméte o dos Prelados, que ainda que não são Anjos na natureza, tem Anjos particulares para a sua direcção: não he bem, que cada hum diga delles, nem ainda o

que sabe, quanto mais o que imagina: quem faz certezas das suas imaginações, arrisque a levantar falsos testemunhos: porque ordinariamente se engana o juizo humano no que presume do procedimento alheo, & não he justo, que por hũa imaginação leve se imponha no proximo, ou no Prelado hũa nota infame: o que tudo advertimos, não por conservar o credito da nossa pessoa, em que conhecemos grandes indignidades, mas porque se guarde o decoro á nossa dignidade, em que se não hão de pôr defeitos: quem faz perder o credito aos Prelados, faz perder a fé dos subditos, & o desprezo do Pastor vê a resultar em voracidade do lobo.

Tamé

Tambem de nòs podemos dizer, que nos hauemos de contentar com o victo, & o vestido; & que se applicarà á pobreza tudo, o que sobejar ao decoro, visto não ser possiuel aplicar ao decoro, o que sobejar à pobreza, porque à pobreza nunca sobeja, sempre falta; seremos pobres, por sermos para pobres; não se fará patrimonio proprio o erario alheo; porque o Prelado, que não dà o que deue, quantas esmolas nega, tantas diuidas contrahe: S. Pedro Damiam diz, que he sacrilego furto o dinheiro alheo nas mãos sagradas; assim nestas mãos não ha de ficar aquelle dinheiro; porque he grande peruersidade fazer os

facrilegios, com o que se hão de fazer as esmolas; & ainda os sacrificios: quem sobre dar tudo, o que deue, aos pobres, lhes não dà tudo, o que pòde, ou mostra auareza, ou profusão; & o patrimonio de Christo não se ha de profundir, nem entelourar; que o enteloura, guardandoo, o profunde miseravelmête, quem o profunde, gastandoo liberalmente, pecca; destruir os celeiros, para os fazer maiores; a fim de guardar nelles os frutos, he ser como o rico auarêto; & melhor he distribuir do que guardar; melhor dar em esmolas, o que com este intento se gasta nestas fabricas; melhor he ser pobre por esmoler, que por a-

uarento rico, quem assim fabrica, destroe, não edifica, & em hum Pielado, tudo o que não he edificar, he destruir; tudo o que não he edificação he ruina: nem tam- bem se contrahirão duuidas para se darem esmolas; porque não he li- cito fazer vtilidade de huns o des- pojo de outros; Deos manda fazer os sacrificios da propria sustancia não da fazenda alhea: Tobias o pay dizia a seu filho Tobias, que do proprio pão, & do proprio vi- nho se hauiaõ de fazer as esmolas pellos defuntos; quando David le- uantou o altar, que lhe mandou o Anjo, para apagar o incendio da peste, não quiz a terra, que lhe offerecco Iebuseu, quiz que o ho- locausto

locausto fosse proprio, pella compra, & não tiuesse visos de alheo, pella offerta; não quiz para Deos o offerecido, que ficaua dado; menos quereria o emprestado, com riscos de não restituído quem cuida que honra a Deos, com a sustância alhea, cuida, que o honra, com a jactura do proximo, & có a propria jactancia; assim quem se empenha, para dar, parece que não tem verdadeira intelligencia da charidade; pois faz injuria aos devedores, se não paga, & encarrega a consciencia nos empenhos, a que se obriga, de tudo o que póde dar; que assim dará do feu, não do alheo, aduertindo, que quem dà do alheo, mais injuria;

juria, no que despoja, do que merece, no que remedeia: somos obrigados a dar o que tiuermos; & a não dar o que não tiuermos, qué dà mais que o que tem, por passar da sua obrigação, deixa de fazer a sua obrigação, & degenera em vicio pello extremo da virtude: o incenso alheo de nenhũa maneira he para Deos odorifero, porque não tem a suavidade da virtude, & dadiua, que não he propria; não he esmola, ainda que se dé a pobreza, se quem toma hum real, não satisfaz, inda que dé hum talento; tambem quem dà hum thesouro, se elle não he proprio, não dá nada, ainda que o dé todo: Não bastou offerecerse com religiosa piedade
a cera

a cera alhea a hum glorioso Santo; para que ella deixasse de se converter em pedra : a marauilha reprehendeo a calidade do sacrificio, assim não he justo que se fação sacrificios desta calidade.

Assim como hauemos de dar o que tiuermos, razão he que que tiuer de que viuer, não tire a esmola a quem não tem de que viua; quem pede, sem necessidade, despoja a mesma pobreza; & roubádo a charidade, faz hũ acto contra a justiça; os que pedem por officio, & tendo officio, deixariaõ de pedir, he bem que o aprendaõ, ou se acomodem: porque com a ociosidade de pedintes, não acrescentem o dano dos pobres: pois

a troco

a troco daquelles viuerem mais ociosos, ficaõ estes mais miseraueis: vai grande diferenca dos que pedem, porque naõ pòdem deixar de pedir, aos que pedem, podédo deixar de pedir, ou porque fingem a pobreza, ou porque poderaõ viuer do seu trabalho: quem finge a pobreza, procura roubar, quem a encarece, pretende cõinouer: aquelle rouba com a ficção; este naõ pecca com o encarecimento, antes na opinião de S. Ioaõ Chrylostomo, os fingimentos dos verdadeiros pobres naceraõ das elcusas dos ricos auarentos, para que se tenha delles lastima, encarecem a sua miseria; os fingimentos porém dos pedintes ociosos nacam da sua

pro-

propria ambição, & não he razão que a ambição dos ociosos tire os emolumentos aos impossibilitados; não póde hauer maior atreuimento, nem maior latrocinio, que roubar o erario de Deos, na esmola dos pobres: quem rouba hum rico pecca, mas com menos impiedade; quem rouba hú pobre, pecca sem piedade algũa, porque a riqueza roubada nunca ficaria faminta: roubada a pobreza, quasi que fica destituta, quem rouba a riqueza, diminue fortuna à fortuna; quem rouba a pobreza, acreceta miseria à miseria; & execramos desta forte este costume, não porque nos falte com quem distribuir, mas porque demos sò a quem se

deue dar ; & quando com publica vtilidade falté pedintes na República, nunca faltaraõ pobres na Igreja de Deos, & para os que elle disse, que estariaõ sempre com nosco, deue de ser o seu patrimonio.

S. Ioaõ Patriarcha de Alexátria que pella prerogatiua de çharidade alcançou o renome de esmoler, não só daua esmolas, mas persuadia a que se dessem : não por se diminuir acrédores nos pobres, mas por fazer virtuosos aos esmoleres. Nòs para de algúa sorte darmos esmolas aos ricos lhe persuadimos q̄ a dem aos necessitados : a esmola que se faz à riqueza, he persuadir-lhe que com a pobreza v̄se de çharidade ; & não cuide alguem que em-

pobrecerà, pello que dà pello amor de Deos, porque fô empobrece quem deixando de dar pello amor de Deos, cuida que poupa: acha pedras (como affirma Gregorio Turonense) quem nega os datiles aos pobres: alem de que não empobrece quem dando hum na terra, lucra cento no Ceo: & bem se vé que Deos tambem aceita hú, pois o paga com ventajoso lucro; quem quizer aumentar o que possue, dê aos pobres do que tem, dando a farinha, & o azeite, acrescentou a viuua húa, & outra cousa: mandou Deos fazer os sacos, quando se dauão as esmolas sendo que dando se parece que se hauiaõ de desfazer, mas como crecem os bens quádo

se dão ; então se manda fazer em que se recolhaõ : pingues , & fertis são os campos dos pobres , porque todos os que nelles semeaõ esmolas , colhem fecũda retribuiçaõ dos f.utos : quem dá , enriquece ; pois muitos chegarão a enriquecer só por dar ; ainda assim não dizemos , que se dê tudo , basta que cada hũ dé na proporçaõ do que tem : que não dà nestas proporçoẽs , não satisfaz as suas diuidas ; que diuidas são que pagamos aos pobres , as esmolas que lhe fazemos : tanto são diuidas os furtos que se fazem , como as esmolas que se negaõ , porque não he menos vsurpar a quem abunda , que não dar a quem necessita : assim cada hũ deve dar aos

necessitados, segúdo seus cabedaes; quem tem muito, deue dar muito, quem tem pouco, satisfaz có dar pouco; & tanto dá quem de pouco dá pouco, como quem dá de muito muito. Por isso S. Agostinhô disse, que a viuua dera tanto como Zacheu, tendo que este deu metade do seu patrimonio, aquella huns poucos de farinha, & azeite: nesta dadiua se vê, que nem só deuem dar os ricos, mas tambem os pobres: por isso S. Ambrosio disse que mais agradava a dadiua do necessitado, que a liberalidade do facultoso: he com tudo maior obrigação deste que a daquelle: porque Deos não dá abundancia para que se gaste superfluamente, mas para
que

que charitatiuamente se distribua: não fez os ricos para dissipadores, mas para dispendeiros: dissipa quem podendo dar ao pobre que pede, gasta consigo mais do que necessita: quem hauendo de socorrer a pobreza, procura aumentar o thesouro, não entesoura, profunde: porque só se guarda o que com os pobres se dispende; & que maior logro pòde ter o que se dá, que remir a culpa que se cometeo; mitigase o Iuiz com o dinheiro que se dà ao pobre: quem com o dinheiro compra o peccado, pòde com elle relgatar-se do castigo: assim como se abre a mão para se dar ao faminto, se abre a porta do Ceo para entrar o esmoler; que

dadiua póde hauer taõ lucrosa, como aquella que tem celestial retribuição: pagale Deos tanto do que se dá, que sendo a esmola diuida que se paga a paga como se fora diuida que cõtrahita: mostra q̃ contrae em diuidas tudo o que o pobre recebe em dadiuas: disse, que quem daua aos necessitados, que daua a elle; porque sendo a charidade daquelles fosse seu o agradecimento: & infaliuel he o agradecimento sendo Deos o empenho do beneficio; & certo he que se dà ao pobre o que se dà a Deos: o mesmo Senhor mostrou aos Anjos, dizendo que era sua a mea capa que S. Martinho deu ao soldado pobre: & como sendo Christo

sto necessitado, ha de ler o rico auarento; sendo Deos toda a riqueza diuina, mostra que para ~~po-~~ pobres necessita da charidade Catholica: assim nenhum Christão ha de delatender a pobreza de Christo; pois nos dá o que temos; demos do que nos dá, para que nos não tire o que possuimos.

Destas premicias de nosso animo, nos pareceo fazer offerta aos nossos diocesanos, para que lhes conste de nossas tençoës, & desejos: & que estes são os dictames que hauemos de seguir; para apascentarmos as nossas ouelhas, a que tudo quanto nos for possiuel, não faltaremos com aquelles espirituaes pastos, que entendermos
são

saõ necessarios para conseruar o
Catholico rebanho ; & assim lhe
torraes a pedir , que orem por
nõsa Deos ; para que com a sua
graça vigiemos por ellas, para ma-
ior gloria do mesmo Senhor.

LAVS DEO.



~~~~~  
**V**ista a informação, póde-se  
imprimir esta Carta pastoral,  
& impressa tornarà para se ~~comer~~,  
& se dar licença para correr, & sem  
ella não correrà. Lisboa a 12. de Se-  
tembro 1673.

*Fr. Pedro de Magalhaes.*  
*Maoel de Magalhaes de Menezes.*  
*Alexandre da Sylva.*  
*Manoel Pimentel de Sousa.*

---

**P**ode-se imprimir. Lisboa 13.  
de Setembro de 1673.  
*Fr. Bispo de Martyria.*

---

**Q**ue se possa imprimir, vistas  
as licenças do S. Officio, &



Ordinario ; & depois de impressa  
tornarà à Mesa para se taxar, & có-  
ferir, & sem isso não correrà. Lis-  
boa de Setembro de 1673.

*Magalhaens de Menezes. Lemos.  
Miranda. Carneiro.*

---

**V**isto estar conforme com o  
original, póde correr esta  
Carta Pastoral. Lisboa 21. de No-  
vembro de 1673.

*Fr. Pedro de Magalhaens.*

*Manoel de Magalhaens de Menezes.*

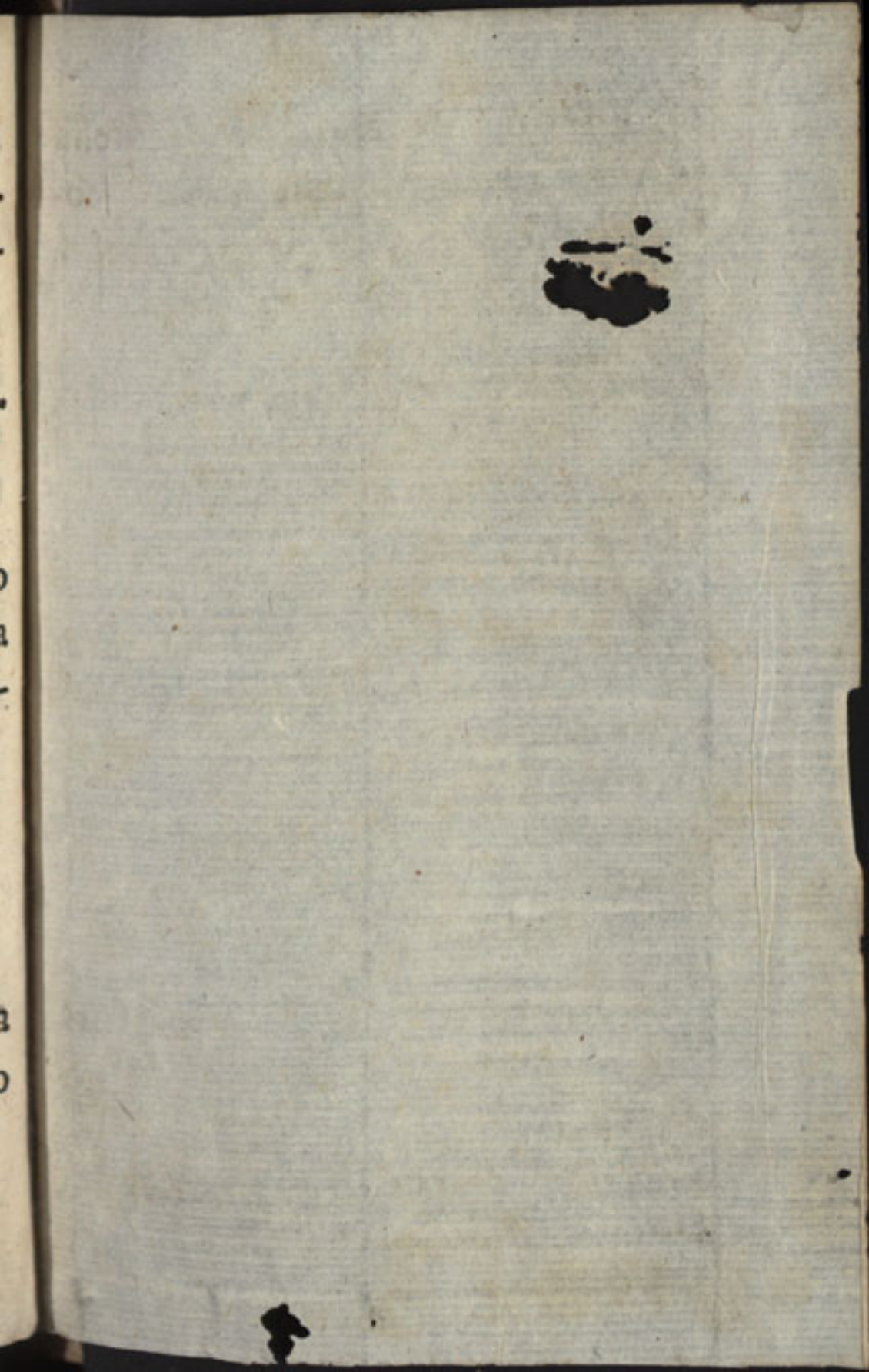
*Alexandre da Sylva.*

*Manoel Pimentel de Souza.*

**T**Aixaõ este liuro em setenta  
reis. Lisboa. 23. de Nouébro  
de 1673.

*Marquez P. Magalhaens de Menezes.*

*Lemos. Miranda. Carneiro. Roxas.*





Ordinario, e depois de impressa  
tornara à Mesa para se taxa, e re-  
ferir, e sem elle não correrá. Li-  
sboa 10 Setembro de 1674.

Magalhães de Menezes, Lourenço  
Miranda, Carneiro.

**V**isto estar conforme com  
o original, pô se correi esta  
Carta Pastoral. Lisboa 11 de No-  
vembro de 1674.

Fra. Pedro de Magalhães.

Manoel de Magalhães de Menezes.

Alexandre da Sylva.

Manoel Pimentel de Souza.

**T**axado este livro em setenta  
reis. Lisboa 23 de Novembro  
de 1674.

Miguel P. Magalhães de Menezes,  
Lourenço Miranda, Carneiro, Escrivão.







UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
Faculdade de Letras



1315611131

Raymond

1919

1919

1919

1919

1919

1919

1919

1919

1919

1919

1919

1919

1919

1919

1919

1919

1919

1919

1919

1919

1919

FF/AF



1919